

PREFERÊNCIAS MUSICAIS DOS ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO EM INSTRUMENTO MUSICAL DO IFPB/JP (PARTE II): DIVERSIDADE E GÊNEROS “NÃO MIDIÁTICOS”

Italan Carneiro¹

RESUMO

Neste trabalho, discutimos as preferências musicais do corpo discente do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Instrumento Musical do Instituto Federal da Paraíba, Campus João Pessoa. Abordamos especificamente o aspecto da “diversidade cultural” identificada através do “ecletismo musical” presente nas indicações dos estudantes. A partir da aplicação de questionário contendo questão aberta interrogando quais os três gêneros musicais favoritos dos estudantes, foram apontados 65 (sessenta e cinco) gêneros (ou subgêneros) musicais, caracterizando assim um cenário de relevante pluralidade cultural. Neste texto, enfatizamos as discussões pertinentes àqueles gêneros musicais que podem ser classificados como “fora do foco da cultura midiática”, ressaltando o impacto das transformações ocasionadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), dentre as quais a internet destaca-se como recurso central. Os dados levantados permitem uma maior compreensão das múltiplas dimensões que caracterizam a relação dos estudantes com suas práticas musicais (sejam elas de performance ou apreciação), podendo contribuir para que os professores adquiram condições de tornar sua prática docente mais contextualizada e significativa.

Palavras-chave: Diversidade Cultural, Gêneros Musicais, Repertório Discente, Educação Musical, Currículo Técnico em Instrumento Musical.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um pequeno recorte da pesquisa de doutorado intitulada “Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Instrumento Musical do IFPB: reflexões a partir dos perfis discente e institucional”² que definiu como um dos seus objetivos específicos o delineamento do perfil dos jovens que compõem o atual corpo discente a partir de suas inter-relações com a música e com a formação técnica-integrada. A pesquisa foi desenvolvida a partir de oito eixos temáticos, sendo estes: influências musicais anteriores ao ingresso no curso; apreciação musical; atividades musicais anteriores ao ingresso no curso; relações com o instrumento e teoria musical; relações com o curso e a instituição; perspectivas de futuro; perfil socioeconômico; e sugestões discentes.

Neste texto, abordaremos a discussão relacionada aos gêneros musicais preferidos dos

¹ Doutor em Música (Educação Musical) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor da Coordenação de Instrumento Musical e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal da Paraíba – IFPB. E-mail: italancarneiro@gmail.com.

² Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música, subárea Educação Musical, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, sob a orientação do prof. Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz. Disponível em: <https://www.academia.edu/35060454/Curso_T%C3%A9cnico_Integrado_ao_Ensino_M%C3%A9dio_e_m_Instrumento_Musical_do_IFPB_reflex%C3%B5es_a_partir_dos_perfis_discente_e_institucional>. Acesso em 14/05/2019.

estudantes, retomando discussão exposta em trabalho anterior (CARNEIRO, 2019) no qual foram realizadas reflexões acerca dos seis principais (favoritos) gêneros apontados pelo corpo discente, sendo estes: 1. Rock (49%)³; 2. MPB (41%); 3. Música erudita (clássica) (35%); 4. Pop; 5. Gospel; 6. Forró. Este texto retoma as preferências musicais dos estudantes, no entanto a partir da perspectiva da diversidade cultural caracterizada pelo “ecletismo musical” apontado nas indicações dos estudantes. Refletimos acerca dos demais gêneros musicais mencionados, com ênfase naqueles que podem ser classificados como “fora do foco da cultura midiática”.

METODOLOGIA

Para compreender o perfil dos estudantes do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Instrumento Musical do Instituto Federal da Paraíba, Campus João Pessoa⁴, optamos pela realização de um survey (levantamento) cujo universo foi constituído pela totalidade do corpo discente, constituindo assim um estudo do tipo censo. Conforme Carvalho (2008, p. 5), o censo pode ser compreendido como o estudo estatístico que resulta da observação de todos os indivíduos de uma determinada população relativamente a diferentes atributos pré-definidos. A pesquisa de campo foi desenvolvida a partir da aplicação de questionário constituído por questões abertas e fechadas abarcando os oito eixos temáticos mencionados anteriormente. Com base no eixo temático “apreciação musical”, foi solicitado aos estudantes, através de questão aberta⁵, que estes indicassem seus três gêneros musicais favoritos.

RESULTADOS

A partir das respostas obtidas, encontramos uma pluralidade significativa de gêneros musicais, relacionados em 65 (sessenta e cinco) categorias. Ressaltamos que a diversidade identificada no Curso não se refere apenas à grande quantidade de gêneros mencionados, mas também à grande quantidade de alunos que apresentaram preferências culturais que podemos considerar “eccléticas”. Apresentamos abaixo os gêneros musicais apontados por alguns dos

³ Sendo este um resultado semelhante ao encontrado em estudos como os realizados por Arroyo (2005), Quadros Júnior (2005), Chaves (2006), Mateiro (2007), Pimentel e Donnelly (2008), Sebber (2009) e Lima; Oliveira (2012) que destacaram o rock como o gênero mais apontado pelos adolescentes e jovens pesquisados.

⁴ No momento de realização da pesquisa, o corpo discente era composto por 107 (cento e sete) estudantes. Desse total, 7 (sete) estudantes foram abordados na aplicação-piloto e 100 (cem) foram abordados com o questionário definitivo, cujos dados são apresentados neste texto.

⁵ A questão aberta 04 teve como enunciado: “Cite os três estilos musicais que você mais gosta”.

alunos como sendo seus preferidos, ilustrando o caráter plural presente em uma grande parcela do corpo discente:

Q 008: “Gospel, rock e rap” (1º ano1, masc., 14 anos, trompetista)⁶;

Q 028: “Reggae, eletrônica, gospel” (1º ano1, masc., 16 anos, trombonista);

Q 113: “Música clássica, rock, eletrônica, metal, brega, forró pé de serra” (1º ano2, masc., 16 anos, tecladista);

Q 114: “Música popular brasileira, espanhola, erudita, moderna e rock” (1º ano2, masc., 15 anos, violonista);

Q 303: “Country, gospel e flash back” (3º ano, fem., 18 anos, tecladista);

Q 305: “Mangue beat, reggae, choro” (3º ano, masc., 17 anos, violonista);

Q 411: “Erudito, MPB, axé” (4º ano, masc., 20 anos, violinista).

Ainda ilustrando a significativa presença da diversidade cultural presente no Curso, destacaram-se estudantes que indicaram gêneros que podem ser caracterizados como “fora do foco da cultura midiática”, visto que não possuem circulação atrelada aos meios de comunicação de massa. O contato com tais gêneros pode ocorrer por diversos caminhos, dentre os quais destacamos a presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), tendo a internet como recurso central. Refletindo sobre essa realidade, Janotti Jr. e Pires (2011, p. 8) afirmam que “entre as manifestações culturais que ganharam novas dimensões com as transformações tecnológicas dos últimos tempos, as expressões musicais estão entre as que foram mais afetadas em seus processos de circulação, consumo e produção”.

São estabelecidas nesse contexto novas possibilidades de interação entre os pares que podem exercer significativa influência sobre suas preferências musicais. Sobre estas novas possibilidades, estabelecidas em relação à circulação do produto musical, Gohn (2008, p. 115) afirma que, “se antes recebíamos recomendações de novas músicas de nossos professores, parentes e amigos, na atualidade podemos seguir indicações de pessoas que nunca vimos, que falam outro idioma, que vivem em países distantes”. Acerca das novas configurações da

⁶ Durante a realização da análise, os questionários foram numerados aleatoriamente, seguindo apenas o padrão de separação por turma. Desse modo, os questionários da turma ingressante na instituição (1º ano1) iniciam sua numeração pelo número 0 (ex.: QUESTIONÁRIO [Q] 21 001); os questionários da turma do 1º ano, abordada no final do ano letivo (1º ano2) são iniciados com pelo número 1 (ex.: Q 101); a turma do 2º ano pelo número 2 (ex.: Q 201); o 3º ano com o número 3 (ex.: Q 301) e os questionários da turma do 4º ano iniciam-se pelo número 4 (ex.: Q 401).

cadeia produtiva da indústria musical, através do processo de digitalização da música e o crescente uso das redes sociais, concordamos com Costa (2013), quando este afirma que:

[...] o desenvolvimento tecnológico proporcionado pelas novas tecnologias na etapa de produção e a reconfiguração de novos espaços para distribuição e consumo de músicas vêm proporcionando o surgimento de novos nichos de mercado, independentes, possibilitando uma relação direta entre os que produzem e os que consomem. (COSTA, 2013, p. 80)

A partir do panorama destacado acima, toda uma lógica diferenciada da estabelecida pela cultura midiática promove a inserção de novos atores e a manutenção de novas esferas de circulação, como destacam Janotti Jr. e Pires (2011) acerca de um dos gêneros que foi evidenciado pelos estudantes, o indie rock:

Se é possível pensar em uma cena indie rock em Maceió, com suas bandas, público, crítica especializada, circuito de apresentações ao vivo, também é possível pensar em outras cenas usando uma visão macro, como uma cena brasileira indie rock e uma cena mundial indie interconectadas, pois, as fronteiras da cena são reconfiguradas constantemente devido ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e aos fluxos contínuos de informação. (JANOTTI JR.; PIRES, 2011 p. 15)

Portanto, concordamos com Costa (2013, p. 77) quando este afirma que “a digitalização da música e a Internet proporcionaram uma redefinição na produção, distribuição e consumo, modificando papéis, influenciando tendências e apontando novos caminhos para a indústria fonográfica”. Nessa perspectiva, caracterizando as transformações ocasionadas pelo avanço tecnológico, tais quais um relativo ganho de autonomia por parte dos ouvintes em relação ao repertório midiático, os estudantes apontaram sete categorias que podem ser classificadas como subgêneros do rock e possuem uma circulação relativamente restrita pelo foco da cultura midiática, sendo estas: punk rock, rock alternativo, hard rock, rock 60’s, rock 70’s, rock clássico e rock progressivo. Somadas as indicações ao gênero principal (rock) e seus subgêneros, podemos afirmar que 66% dos estudantes indicam o rock, em suas diversas vertentes, como um de seus estilos musicais favoritos (CARNEIRO, 2019, p. 530). “O gênero metal, derivado do rock e intitulado muitas vezes pelo senso comum de ‘rock pesado’, também obteve destaque nos seus subgêneros que não circulam pelo foco da cultura midiática, sendo estes: heavy metal, metal core, metal sinfônico e thrash metal” (CARNEIRO, 2019, p. 530).

Destacamos abaixo as preferências de alguns estudantes que ilustram os gêneros que classificados como “fora do foco da cultura midiática”:

- Q 109: “Indie, Indie Rock, Folk” (1º ano, masc., 15 anos, contrabaixista);
Q 203: “Metal, clássica, folk europeu” (2º ano, masc., 18 anos, tecladista);
Q 208: “Erudita, Salsa e Tango” (2º ano, fem., 17 anos, violinista);
Q 304: “Erudita, Reggae, Celta” (3º ano, fem., 17 anos, violinista);
Q 405: “Maracatu, música experimental e Rock” (4º ano, masc., 18 anos, contrabaixista).

Após a identificação das preferências musicais do corpo discente, onde um panorama de 65 (sessenta e cinco) gêneros musicais foi apontado, é preciso esclarecer que entendemos que não seria possível (tampouco necessário) uma abordagem curricular de todas as categorias destacadas, inclusive porque, recorrendo à reflexão de Green (2006), entendemos que:

Mesmo os professores que realizam o *update* da música popular, não podem, razoavelmente, mudar seus materiais curriculares a uma velocidade que reflita a mudança de gosto dos alunos. Assim, a música que carrega delineações positivas para os alunos tem dificuldade de passar pela sala de aula, e ainda mais de sustentar-se como parte de um currículo. (GREEN, 2006, p. 105)

Não obstante, ao constatar que mais da metade dos estudantes do curso apontam o rock como um de seus gêneros favoritos, podemos fazer uso desse dado em diversos contextos, com diversas abordagens, com diferentes finalidades e, principalmente, em diferentes disciplinas, contribuindo para a efetiva integração do currículo. Afinal, concordamos com o entendimento de Napolitano (2002, p. 110-111) que “a estética e o gosto dos consumidores musicais não pairam soltos no ar das idéias, mas remetem a questões históricas, sociológicas, lingüísticas, comunicacionais”.

Compreendemos que a apreciação musical permeia expressivamente o cotidiano dos jovens, de modo que, além de estar presente ao longo das principais atividades diárias, também caracteriza, para mais da metade dos jovens pesquisados, uma atividade que demanda um momento diário dedicado exclusivamente sua realização (CARNEIRO, 2015). Desse modo, ressaltamos que o diálogo com os elementos culturais apontados como significativos para os estudantes, além de configurar-se como estratégia permanente, precisa transversalizar as práticas cotidianas de todo o corpo docente, de modo que o curso, especialmente a partir das disciplinas do “eixo técnico”, não se configure apenas como mais uma das iniciativas que adquiriram a função de emitir “certificações vazias” (KUENZER, 2002), mas contribua para o desenvolvimento de uma formação musical e humanística significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações que os indivíduos estabelecem com a música são desenvolvidas na intercessão dos aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos que compõem suas vidas. Portanto, ao compreender as múltiplas dimensões que caracterizam a relação dos estudantes com suas práticas musicais (sejam elas de performance ou apreciação), os professores adquirem condições de contextualizar sua prática docente, tornando-a mais relevante para os estudantes. Nesse sentido, partilhamos do entendimento de Queiroz (2007, p. 3) que “não possuímos mais uma perspectiva única de educação musical, mas sim uma diversidade de possibilidades e de alternativas que são desenvolvidas de acordo com a realidade de cada espaço”.

Por fim, defendemos que o currículo escolar necessita contemplar, de forma dialógica, os repertórios discentes, os repertórios docentes, assim como os repertórios entendidos coletivamente pela área da Música como significativos em termos de formação, não havendo portanto uma relação de hierarquização entre os referidos repertórios.

Referências

- ARROYO, Margarete. Música na Floresta do Lobo. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 13, p. 17-28, set. 2005. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista13/revista13_artigo2.pdf>. Acesso em: 03/06/2019.
- CARNEIRO, Italan. Apreciação musical cotidiana: presença da música no dia-a-dia de estudantes do Ensino Médio Integrado. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE MÚSICA POPULAR NA UNIVERSIDADE – MUSPOPUNI, 1., 2015, Porto Alegre/RS. **Anais...** Porto Alegre/RS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/musicapopularnauniversidade/anais-muspopuni>>. Acesso em: 09/09/2019.
- _____. Preferências musicais dos estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB/JP. In: JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO, 4., 2019, Salvador/BA. **Anais...** Salvador, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/ivjorneduc/174056-preferencias-musicais-dos-estudantes-do-curso-tecnico-em-instrumento-musical-do-ifpbjp/>>. Acesso em: 08/09/2019.
- CARVALHO, Sergio; CAMPOS, Weber. **Estatística básica simplificada**: teoria e mais de 200 questões comentadas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CHAVES, Edilson Aparecido. **A música caipira em aulas de história**: questões e possibilidades. 2006. 165 f., Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2006. Disponível em: <http://www.ppgge.ufpr.br/teses/teses/M06_chaves.pdf>. Acesso em: 22/06/2019.

COSTA, Luís Adriano Mendes. Produção, distribuição e consumo de música no Brasil: novas perspectivas a partir do ambiente das redes. In: MOTA, Iraê Pereira et al. (orgs.).

Comunicação, mídias e cultura. João Pessoa: Editora Ideia, 2013. Disponível em:

<http://www.insite.pro.br/elivre/comunicacao_tablet.pdf#page=75>. Acesso em: 19/05/2019.

GOHN, Daniel Marcondes. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 19, p. 113-119, mar. 2008. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista19/revista19_artigo12.pdf>. Acesso em: 20/06/2019.

GREEN, Lucy. Popular music education in and for itself, and for 'other' music: current research in the classroom. **International Journal of Music Education**, v. 24, n. 2, p. 101-118, 2006. Disponível em: <<http://ijm.sagepub.com/content/24/2/101.full.pdf+html>>. Acesso em: 12/05/2019.

JANOTTI JR., Jelder Silveira; PIRES, Victor de Almeida Nobre. Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: JANOTTI JR., Jelder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre (orgs.) **Dez anos a mil: mídia e música popular massiva em tempos de internet.** Porto Alegre: Simplíssimo, 2011. Disponível em:

<<http://www.dezanosamil.com.br/LivroCompleto.pdf#page=117>>. Acesso em: 19/02/2019.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In:

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (orgs.).

Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Editora Autores Associados, HISTEDBR, 2002. Disponível em:

<http://forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer_1.pdf>. Acesso em: 10/05/2019.

LIMA, Talita Aparecida Alves de; OLIVEIRA, Elza Aparecida. Revista customizada No Eixo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13., 2012, Chapecó. **Anais...** Chapecó: UNOCHAPECÓ, 2012. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/expocom/EX30-1460-1.pdf>>. Acesso em: 08/04/2019.

MATEIRO, Teresa. 'Eu quero estudar guitarra': um estudo sobre a formação instrumental dos licenciandos. **OuvirOUver**, Uberlândia/MGos, n. 3, p. 139-151, 2007. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/viewArticle/432>>. Acesso em: 08/05/2019.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; DONNELLY, Edla Daise Oliveira Porto. A Relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 28, n. 4, p. 696-713, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n4/v28n4a04.pdf>>. Acesso em: 03/03/2019.

QUADROS JÚNIOR, João Fortunato Soares de. O impacto da mídia na formação musical de adolescentes: um estudo realizado com alunos do 1º ano do ensino médio do colégio Indyu - Montes Claros - MG. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UEMG, 2005, p. 01-08. Disponível em:
<<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2005/Comunicacoes/40Jo%C3%A3o%20Fortunato%20Soares%20de%20Quadros%20J%C3%BAnior.pdf>>. Acesso em: 03/06/2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Espaços e concepções de ensino e aprendizagem da música em João Pessoa-PB. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 17., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2007. Disponível em:
<http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmus_LRSQueiroz.pdf>. Acesso em: 21/03/2019.

SEBBEN, Egon Eduardo. O gosto musical de alunos de 8ª série do Ensino Fundamental: um conhecimento possível no ensino de música. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18., 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL/UEM, 2009, p. 888-894. Disponível em:
<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2009/Anais_abem_2009.pdf>. Acesso em: 03/07/2019.